

HEIDEGGER, M. A preleção (1929): que é Metafísica? In: _____. *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 35-44 (Os Pensadores).

Jorge dos Santos Lima*

O escrito de Heidegger *O que é Metafísica?* na sua preleção é composto de três partes: a) desenvolvimento de uma interrogação metafísica; b) a elaboração da questão; c) a resposta à questão. Aqui, limitar-se-á em apresentar cada uma dessas partes ao mesmo tempo em que se faz algumas considerações explicativas sobre as conclusões alcançadas por Heidegger.

Antes de iniciar a primeira parte, Heidegger faz uma rápida introdução na qual diz de imediato que, mesmo sabendo que se espera um tratamento direto da questão - o que é metafísica? - ele vai tratar de outra coisa que, no entanto, é uma questão de dentro da metafísica. Heidegger ainda não diz qual é a questão, mas enfatiza que é preciso estar dentro da metafísica para melhor possibilitar a apresentação desta, tal como ela é em si mesma. (p. 35)

Quando começa a primeira parte, explica o porquê de adotar uma questão diferente da questão que dá título ao escrito. Ele diz: "toda questão metafísica abarca sempre a totalidade da problemática metafísica" (p. 35), ou seja, para responder o que é metafísica, precisa-se apenas abordar uma questão originariamente no seio da metafísica. O termo "totalidade" não se refere apenas ao saber metafísico, mas refere-se ao próprio interrogador que está inserido nesta "totalidade" e tudo o mais, por isto, quem questiona, também, está implicado na questão. Desse modo, Heidegger coloca no interior de seu discurso a "existência do homem" (p. 35-36). No caso desse seu escrito, a existência do homem pesquisador, professor ou estudante.

Uma existência que está determinada pela pesquisa científica, isto é, pela ciência. Ciência? Sim, no desenvolvimento da interrogação metafísica, Heidegger, segue expondo a situação da ciência para poder chegar à questão dentro da metafísica. Afinal, a ciência é que determina a existência do homem interrogador, ao menos tem se mostrado desse modo.

As ciências se expandem numa multiplicidade de áreas de saber científico, cada uma com suas especialidades. Porém, a ciência sempre se direciona cada vez mais ao encontro

* Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal / Rio Grande do Norte – Brasil, prof.jorge@ufrnet.br.

com algo no mundo, o que Heidegger chama de ente, ou seja, ao encontro com o ente. Há uma procura de seu ente para "transformá-lo em objeto de investigação e determinação fundante" (p.36), pois uma vez que é objeto de uma ciência, o ente surge como seu fundador. Assim, a ciência se põe a busca do ente e, apesar de outros saberes não científicos (pré e extra-científicos) também realizarem esta busca, é ela (ciência) que dá, "de um modo que lhe é próprio" (p. 36), a primeira e última palavra sobre a própria coisa. Esse direcionamento das ciências para o ente vem sendo trilhado desde a filosofia antiga, o que exige a fundação das ciências no ser. Porém a existência humana definiu como escolha livre o modo de expressão comportamento científico.

Heidegger não diz que a ciência não tem valor para a existência humana, antes, informa que o comportamento científico possui determinadas características que quando são compreendidas "trazem, em sua radical unidade, uma clara simplicidade e severidade do ser-á, na existência científica" (p. 36). Quais são essas características? São: a referência ao mundo; o comportamento do homem que a rege; e a irrupção do homem como o ente que se ergue em meio a totalidade do ente. A "referência ao mundo" é o que têm caracterizado a ciência no fato de que ela se propõe a direcionar-se sempre ao ser pela sua apreensão e dominação na medida em que domina um objeto de pesquisa; o "comportamento do homem" é o elemento definidor do "fazer ciência", pois quem define os parâmetros deste "fazer" é o próprio homem; e a "irrupção", portanto, dá-se no homem ao fazer ciência porque, assumindo tal comportamento, o homem, que é um ente inserido na totalidade do ente, emerge dessa totalidade para descobrir "o ente naquilo que é em seu modo de ser". Assim, o homem, envolvido na existência científica, manifesta-se na busca do ser. Mas, este voltar-se ao ser, para Heidegger, têm seguido estradas estranhas desde Platão.

A ciência se preocupou com o ente e, na tentativa de fugir ao que estava além do ente, ela procurou menosprezar tudo o que se aproximava de uma possível negação do ente investigado. Então, o cientista diz: "Pesquisado deve ser apenas o ente - e nada mais; somente o ente e além dele - nada; unicamente o ente e, além disso - nada" (p. 36). Desse modo, a ciência sempre se caracterizou pelo direcionamento ao ente, mas há outra coisa que está presente neste direcionamento, é que, quando corre atrás do ente, a ciência foge do que seria para ela, o "elemento nadificante" do ente. Porém, este elemento, ele está implicado na própria busca da ciência, ele é o "nada". Os cientistas têm rejeitado e abandonado esse "nada". Para Heidegger, o comportamento científico ao olhar para o ente, não deve ser "apenas", "somente", "unicamente" para o ente, mas deve atentar-se para o nada.

A referência ao mundo segue não apenas para o ente, mas ao ente e nada mais; o comportamento recebe sua orientação não somente do ente, mas do ente e "além dele nada"; na irrupção do homem ao fazer ciência, acontece a discussão investigadora não unicamente do ente, mas do "ente e além dele nada". Destarte, Heidegger percebe que o "nada" está inserido na existência científica e, por isso, deve ser levado em consideração uma vez que o homem pesquisador, professor, estudante, têm a pretensão de apoderar-se dessa existência. A ciência, no entanto, sabe do nada, as afirmações sobre o direcionamento ao ente demonstram esse "saber", porém, faz vistas grossas sobre o "nada" e procura não querer saber do nada. Portanto, a existência do homem determinada pela ciência cria um paradoxo que leva a seguinte interrogação: "Que acontece com este nada?" (p. 36). Desse modo, Heidegger alcança uma interrogação metafísica e é necessário, agora, apenas reformular melhor a questão.

Heidegger desenvolve sua interrogação metafísica ao questionar as preocupações da ciência. Se a ciência dá ao nada um lugar além do ente, este nada transcende o ente e se tudo que transcende o ente é uma questão metafísica, o nada surge como uma questão metafísica. Nesse contexto, a segunda parte de *O que é Metafísica?* preocupa-se com a elaboração da questão do nada enquanto uma questão metafísica.

Na elaboração da questão do nada como uma questão que está dentro da metafísica, Heidegger observa que seu estudo tem a intenção de indicar se é possível ou não dar uma resposta que demonstre as possibilidades de problematizar o nada e, neste caso, em que lugar pode-se encontrá-lo.

A ciência admite o nada, mas trata-o com rejeição como um inexistente. Esta rejeição acontece porque dizer que o nada "é", é, a saber, contraditório. Como o nada pode "ser", se o nada é não ser? Pensar, é sempre pensar alguma coisa, diz Heidegger, então como é possível pensar o nada? Se o pensamento fosse forçado a pensar o nada, entraria em autodestruição, por agir contra sua própria essência. O pensamento entraria em contradição. Assim, o princípio da não contradição, apresentado na lógica como princípio racional, "regra fundamental do pensamento a que comumente se recorre" (p. 37), invalida a possibilidade de pensar o nada. Não se pode pensar que o nada é, pois se estaria transformando ele em objeto, em ente, mas o nada não é ente. O nada é nada de ente.

Heidegger reconhece que seguindo por esse caminho em que a lógica dá a última palavra é impossível pensar e elaborar uma questão sobre o nada. E surge esta impossibilidade porque a lógica, que é a lógica aristotélica, coloca-se como a última instância de julgamento

sobre o que pode e não ser colocado como questões de pensamento. O entendimento seria apenas o meio e o pensamento o caminho para se chegar ao nada. Nesse sentido, quando se questiona sobre o nada é forçoso tirar os princípios da lógica de seu poder que detém a última palavra, e deixar o entendimento dominar essa questão, pois só o entendimento permite determinar e colocar o nada como um problema, "ainda que fosse como um problema que se devora a si mesmo" (p. 37). Então, o que é o nada? "o nada é a negação da totalidade do ente, o absolutamente não ente" (p. 38). Heidegger, assim, propõe que se o nada é negação e a lógica dominante diz que a negação é um ato do entendimento, até mesmo segundo os preceitos dessa lógica, se é forçado a admitir que o entendimento deve estar em primeiro plano na discussão sobre o nada. O não, negação, portanto, é menos originário que o nada enquanto negação da totalidade do ente, antecede essa negação. Outra forma de possibilitar a problematização sobre o nada é que é possível questioná-lo e, como o nada pode e deve ser questionado, ele deve se manifestar de algum modo.

Mas onde se dá o nada? Onde é possível encontrá-lo? Anteriormente foi dito que o "nada é a plena negação da totalidade do ente" (p. 38), desse modo, problematiza Heidegger, não seria nessa indicação sobre o nada que se possa, talvez, encontrá-lo? Agora é preciso ver o que é a "totalidade do ente" para poder negá-la plenamente e ver se dessa negação surge o nada.

Heidegger explica que a totalidade do ente não é algo que pode ser compreendida, mas que, em todo caso, pode ser sentida na medida em que o homem se encontra "postado em meio ao ente em sua totalidade". Mesmo que no dia a dia, haja a sensação de se estar ao lado de um ou outro ente ou a sua procura, o ente está presente numa "unidade de totalidade". Isto quer dizer que há momentos em que o ente se manifesta em sua unidade, não como um ou outro ente, mas o ente em sua totalidade, pois não há, nesses momentos, como perceber vários entes porque o homem se sente preenchido pela totalidade e na totalidade do ente. Que momentos são esses que possibilitam o sentir a presença do ente em sua totalidade? São os momentos do cotidiano em que certos sentimentos se revelam. Heidegger cita o tédio, a alegria pela presença de uma pessoa querida e o humor de uma forma geral. (p. 38-39)

Esses sentimentos, e as disposições de humor nivelam todas as coisas num sentimento de indiferença em que o todo do ente se faz presente. Um sentimento que leva ao entrelaçamento do homem, com as coisas e de tudo que se encontra dado naquele momento. Porém, esta presença do ente em sua totalidade espanta o nada. Heidegger, para fugir a situação em que a lógica aristotélica impunha, procura o nada, não na negação do ente em sua

totalidade como no sentido que era exposto antes. A solução para a descoberta do nada já está dada na interpretação do que é a totalidade do ente. Assim, como ocorre com a totalidade, para sentir o nada é preciso que uma disposição de humor se manifeste, mas que humor comportaria a negação da totalidade do ente uma vez que os citados até agora só demonstram a participação do homem nesta totalidade? Heidegger responde que essa disposição de humor é a angústia. (p. 39)

"A angústia manifesta o nada" (p. 39). Essa angústia não é a ansiedade em temer algo, pois esta ansiedade é sempre ansiedade em direção a presença de um ente. A angústia que manifesta o nada surge, de certo modo, do afastamento para com o ente. Porém, afastamento no sentido de suspensão da totalidade do ente. A totalidade do ente ainda continua aí, mas o sentimento de angústia impede que o homem se sinta como participante dessa totalidade. Ele (o ser-aí) se sente "suspenso em que nada há em que se apoiar" (p. 40). Surge, assim, um vazio profundo em que só resta o nada. Este nada que resta é nada de ente. Portanto, a totalidade do ente se esfacela na angústia e, nessa ausência de ente, somente o puro ser aí continua presente na medida em que sobra o absoluto nada. Por ser nada, não há palavras, pois não há ente para se referir, há apenas um estranhamento por não se saber explicar que coisa há, Heidegger dá como exemplo a seguinte expressão: "a gente sente-se estranho" (p. 39), porém, não se sabe explicar esse estranhamento porque o ente não se faz presente em sua totalidade, o "é" foge e se esfumaça.

A questão do nada está posta, quando a angústia atinge o ser-aí ela faz com que o nada se manifeste, esta manifestação permite retomar a questão: "que acontece com o nada?" (p. 40). Heidegger, tenta, na terceira parte de *O que é Metafísica?*, responder essa pergunta sobre o nada.

Nessa terceira parte intitulada A resposta a questão, Heidegger responde duas questões para definir a metafísica como elemento gerador da existência científica. Assim, responde a pergunta título do escrito: O que é metafísica? As duas questões são: o que é o nada? e, como o nada envolve a metafísica em sua totalidade? Destas duas segue que, se o nada remete ao ente, e se o nada é uma questão que envolve a totalidade da metafísica, e se a ciência se caracteriza pelo seu direcionamento ao ente, então a metafísica funda a existência científica. Porém, cabe expor agora as conclusões de Heidegger.

O nada não é um ente, ele se diferencia do ente em sua totalidade sem destruí-lo na medida em que está suspenso no seio da totalidade do ente. "o nada se revela na angústia" (p. 40) e esta angústia originária é que faz o ser-aí do homem se encontrar suspenso pelo nada

uma vez que o nada suspende, arranca, esse ser-aí do envolvimento na totalidade do ente. O ente não é destruído, o ente continua aí, mas o vazio do nada gerado pela angústia leva o ser-aí do homem a presenciar um sentimento de fuga do ente em sua totalidade. Nesse sentido o nada revela-se "com e no ente como algo que foge em sua totalidade" (p. 40). O nada, presente pelo sentimento de angústia, não nega o ente, ele antes força o ser-aí a sair ao encontro do ente. A angústia, portanto, não é um sentimento de onde se origina a negação, mas origina a percepção do ente em fuga "como absolutamente outro" diante do nada. Desse modo o ente surge como ente que é aquilo que é, e não nada. (p. 40-41)

O nada leva o ser-aí do homem a encontrar o ente, mas e quando o homem olha para si mesmo enquanto ente, o que ele encontra? O nada. O ser-ai do homem, forçado pela angústia de nada ao buscar o ente, quando olha para si como sendo um ente, percebe o nada revelado antecedendo o próprio ser-aí do homem. Desse modo, a essência do nada é guiar "o ser-aí diante do ente enquanto tal" (p. 41), seja o ente do ser-ai ou qualquer ente. O ser-aí, para Heidegger, "quer dizer: estar suspenso dentro do nada" (p. 41). Este suspenso dentro do nada é responsável para que o ser-aí se dirija ao ente e como há esse direcionar-se para o ente pode-se dizer que o ser-aí está além do ente em sua totalidade, ou seja, transcende o ente em sua totalidade.

Heidegger, desse modo dá a resposta para a pergunta: o que é o nada? Ele diz: "O nada é a possibilitação da revelação do ente enquanto tal para o ser-aí humano" (p. 41). Assim, nada e ser participam da mesma essência, pois enquanto a essência do nada remete o ser-aí para o ente, quando o ser-aí alcança e se debruça sobre o ente, o nada, então, nadifica-se como ausência de nada porque se busca o ente.

O homem se lança ao ente e se afasta cada vez mais do nada, porém, na angústia esse homem se sente suspenso no nada, este é o ser-aí humano, assim, quando se afasta do nada é tentando sair do profundo vazio que o nada infunde nesse ato de suspender, para se direcionar à superfície onde se encontra o ente em sua totalidade. Nesse encontro com o ente em sua totalidade, o nada é nadificado dando origem ao "não" no sentido em que o nada se ausenta e o que fica na presença do ente é o sentimento de "não ente", "não ser", pois o nada está nadificado. Na história da metafísica, diz Heidegger, o "não ser" tem sido colocado como "nada", porém Heidegger demonstra que o "não" tem sua origem no nada. (p. 41-42)

O ser-aí humano estar suspenso no nada, este suspender coloca o homem além do ente em sua totalidade, em outras palavras, transcende o ente. Heidegger se apropria dessa transcendência para ligar o nada à uma questão metafísica. Se metafísica quer dizer "tâ metâ

physiká" (p. 42) ou seja, "além do ente enquanto tal" o nada é uma questão que abarca a metafísica em sua totalidade. Um outro ponto que demonstra o nada como questão metafísica é o fato de que o nada, segundo as colocações de Heidegger, invalida a legitimidade que a lógica operava "dentro da metafísica". (p. 42-43)

A metafísica, ao definir-se pelo que está além do ente, não é, em Heidegger, uma disciplina ou um saber determinado convencionalmente, mas pertence a própria natureza do homem, porque o ser-aí deste, encontra-se suspenso no além e aquém do ente. E como o nada é a questão que envolve a metafísica em sua totalidade e este nada remete o ser-aí do homem em direção ao ente em sua totalidade e a existência científica consiste na busca e relacionamento com o ente, a metafísica está na origem da ciência, e, portanto, o nada é que impulsiona o comportamento científico a transformar o ente em objeto de pesquisa para, assim, o nada ser nadificado.

Antes não há apenas, unicamente, somente o ente, também não apenas, unicamente, somente o nada, os dois, nada e ente, coexistem numa relação de mútua rejeição e participação de um no outro. Esse escrito, portanto, apesar de sua brevidade instaura um novo pensamento sobre o homem e sua postura diante do mundo e da ciência.